

SUBJETIVIDADE E SAÚDE MENTAL NA ESCOLA DO SÉCULO XXI: CONTRIBUIÇÕES DA PEDAGOGIA TERAPÊUTICA EM JOÃO DOS SANTOS (ESTUDOS LUSO-BRASILEIROS)

SUBJECTIVITY AND MENTAL HEALTH IN THE 21ST CENTURY SCHOOL: CONTRIBUTIONS OF THERAPEUTIC PEDAGOGY IN JOAO DOS SANTOS (LUSO-BRAZILIAN STUDIES)

Regiane Rodrigues Araújo 1
Patrícia Helena Carvalho Holanda 2

Resumo: *Objetiva compreender a indissociabilidade entre Saúde Mental na Escola e Pedagogia Terapêutica proposta e difundida por João dos Santos – médico psicanalista e pedopsiquiatra português. A pesquisa teve como metodologia a História Oral e o estudo bibliográfico da obra santiana. A coleta de dados se deu mediante diálogos gravados; entrevistas semiestruturadas e abertas. O estudo evidenciou que: a Saúde Mental deve ser discutida também em ambientes tidos como “saudáveis”, ou seja, nas escolas, uma vez que é preciso romper com esse estigma de que o discurso em torno da saúde mental deve se limitar aos espaços onde há sofrimento psíquico. Na concepção de João dos Santos, educar é respeitar a subjetividade do homem e a espontaneidade da criança. Santos nos ensina, ainda, que a infância deve ser o locus de preservação da saúde mental dos adultos de hoje e de amanhã.*

Palavras-chave: *Saúde Mental. Subjetividade. Educação. Pedagogia Terapêutica.*

Abstract: *The aim is to comprehend the indissociable relationship between mental health in school and therapeutic pedagogy, proposed and published by Joao dos Santos – Portuguese psychoanalyst and child psychiatrist. The research had Oral History as a methodology and a bibliographic study of Joao dos Santos’ writings. Data collection took place through recorded dialogues; semi-structured and open interviews. The study revealed the following: mental health should also be discussed in “healthy” environments (i.e., in schools) in order to combat the stigma that limits the discussion around mental health to places where there is psychic suffering. In the view of Joao dos Santos, to educate is to respect the subjectivity of man and the spontaneity of children. Santos also teaches us that childhood must be the locus of the preservation of mental health in adults of today and tomorrow.*

Keywords: *Mental Health. Subjectivity. Education. Therapeutic Pedagogy.*

- 1 Graduada em Filosofia e Pedagogia, Mestre em Educação pela Universidade Estadual do Ceará (UECE); Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira (PPGE), da Universidade Federal do Ceará (UFC). Atualmente é professora no Centro Universitário Unichristus, Fortaleza, Ceará, Brasil. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2631492120351847>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2445-6972>. E-mail: regiane.faced@gmail.com
- 2 Psicóloga, Mestre e Doutora em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Pós-Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Brasília (UNB). Coursou o estágio sênior na Universidade de Lisboa. Atualmente é professora titular do Departamento de Fundamentos da Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFC, Fortaleza, Ceará, Brasil. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0578752312396260>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8233-1190>. E-mail: patriciaholanda2003@yahoo.com.br

Introdução

Este estudo refere-se à importância da Saúde Mental na Escola, tendo como ponto de partida a Pedagogia Terapêutica em João dos Santos. Além disso, disserta sobre o trabalho desenvolvido pelo psicanalista e pedopsiquiatra lusitano há pouco mencionado.

A escolha desta temática surgiu a partir da percepção acerca da necessidade de valorização da dimensão subjetiva do aprendiz com vistas a manutenção da saúde mental na escola. Desse modo, trazemos a principal problemática desta investigação, a qual indaga: o que a Pedagogia Terapêutica em João dos Santos tem a nos ensinar no século XXI?

O objetivo da presente pesquisa é compreender a indissociabilidade entre Saúde Mental na Escola e Pedagogia Terapêutica proposta e difundida por João dos Santos – médico psicanalista e pedopsiquiatra português.

A Pedagogia Terapêutica em João dos Santos situa-se em um processo pedagógico que preza pelo afeto na relação entre aquele que ensina e o que aprende, ou seja, toda pedagogia é em si terapêutica, uma vez que estabelece vínculos afetivos mediante a convivência com o outro. “É neste sentido que João dos Santos afirma que a pedagogia, quando nela se alia rigor científico e *relação humana*, é ‘Pedagogia Terapêutica’” (BRANCO, 2010, p. 298).

No tocante à Pedagogia Terapêutica em João dos Santos, é importante mencionar a existência de estudos já sistematizados, revelando, assim, uma vasta fundamentação teórica e teor científico acerca da temática em foco, a exemplo dos três principais livros publicados em Portugal pela pesquisadora Doutora Maria Eugénia Carvalho e Branco, cujos títulos são: *João dos Santos, Saúde Mental e Educação; João dos Santos, A Saúde Mental Infantil em Portugal: uma Revolução do Futuro; Vida, Pensamento e Obra de João dos Santos*. Quanto ao Brasil, temos a publicação do livro intitulado *Pedagogia Terapêutica: diálogos e estudos luso-brasileiros sobre João dos Santos*. Além do livro há pouco citado, há teses, cujos objetos de estudos são: o trabalho desenvolvido por João dos Santos; a Pedagogia Terapêutica; o percurso e a parceria que ele fez com diversos profissionais, dentre os quais está a arte-educadora lusitana Cecília Menano.

Destaca-se que esta pesquisa é parte de uma tese de doutoramento, defendida junto a um programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira de uma universidade pública cearense, financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

A relevância social desta investigação está na constatação de que o atual modelo educacional, pautado em processos puramente competitivos e meritocráticos, nos mostra uma atitude que abdica da manutenção da saúde mental dos sujeitos, visto que a inibição das emoções pode ocasionar o adoecimento psíquico.

Metodologia

A inserção da História Oral e da pesquisa qualitativa como metodologias sugere para a nossa pesquisa a compreensão sobre a trajetória de João dos Santos, aproximando nossa investigação da narrativa acerca das contribuições desse teórico, tanto na seara da Educação, por meio da defesa à Saúde Mental na Escola, como da Pedagogia Terapêutica.

De modo complementar, consideramos que “o valor do uso da História Oral reside na possibilidade de diálogo a ser mantido entre os entrevistados e o pesquisador [...]” (JUCÁ, 2003, p. 52). Nessa perspectiva, “a subjetividade na construção do conhecimento histórico não brota exclusivamente de uma única posição” (JUCÁ, 2003, p. 52). Com amparo nas ideias do autor retromencionado, reforçamos o valor e o sentido da História Oral.

Sendo assim, temos o citado método como possibilidade de transitoriedade entre narrativa da memória afetiva e a vida prática – esta última repleta de experiências estabelecidas no cotidiano. Como podemos observar, a História Oral não constitui simplesmente método de pesquisa de ordem puramente técnica, porquanto suas características revelam o “testemunho subjetivo, falado”. (THOMPSON, 1992).

Ao citar fatos do passado, entretanto, o pesquisador aguça a memória do entrevistado por meio de um processo de revisitação das emoções e da própria história. Aliás, como bem descreve

Merleau-Ponty (2006, p. 564), “um passado e um porvir brotam quando eu me estendo em direção a eles”. Portanto, impõe-se nos debruçar sobre o passado para compreendermos o presente, a história e a memória das pessoas e de nós mesmos, uma vez que não há memória sem passado, sem tempo vivido.

Sobre a investigação qualitativa, consideramos a conceituação de Flick (2004, p. 17), ao discutir a pesquisa qualitativa a partir da seguinte característica: “A relevância específica da pesquisa qualitativa para o estudo das relações sociais deve-se ao fato da pluralização das esferas da vida”.

Na nossa investigação, utilizamos a entrevista semiestruturada gravada, com o uso de transcrição de áudios. Para tanto, a respeito das modalidades de entrevista, Cruz Neto (2003, p. 58) as conceitua da seguinte maneira:

Em geral, as entrevistas podem ser *estruturadas* e *não-estruturadas*, correspondendo ao fato de serem mais ou menos dirigidas. Assim, torna-se possível trabalhar com a entrevista *aberta* ou *não-estruturada*, onde o informante aborda livremente o tema proposto; bem como com as *estruturadas*, que pressupõem *perguntas previamente formuladas*. Há formas, no entanto, que articulam essas duas modalidades, caracterizando-se como entrevistas semiestruturadas. (Grifo do autor)

A predominância da entrevista semiestruturada nas Ciências Humanas, mais especificamente, na Educação, configura modalidade de pesquisa recorrente, pois permite flexibilizar a condução do processo, bem como dinamizar a interação sujeito (entrevistado) e objeto (perguntas), de maneira a tornar o procedimento menos exaustivo.

O *locus* desta pesquisa se deu em Lisboa/Portugal. No citado país, entrevistamos quatro pessoas que conviveram, trabalharam ou realizam pesquisas sobre esse renomado pedopsiquiatra do século XX. Vale ressaltar que todas elas são de nacionalidade portuguesa, portanto são perceptíveis nas falas diferenciações culturais e linguísticas.

Em cumprimento aos critérios éticos, as pessoas com as quais conversamos não tiveram seus nomes citados, sendo, portanto, chamadas de Entrevistado(a) 1, 2, 3... No entanto, apresentamos o perfil profissional dos participantes da pesquisa.

A primeira participante foi professora do Ensino Especial. Exerceu atividades docentes na educação pública, no âmbito da Saúde Mental, ministrando aulas de Artes Plásticas na infância. Atuou como professora no Colégio Eduardo Claparède e no Jardim Infantil Pestalozzi (Lisboa). Colaborou com instituições como a Clínica Infantil do Centro de Saúde Mental Infantil de Lisboa; Hospital Júlio de Matos; Centro Infantil Helen Keller; Casa da Praia – Externato de Pedagogia Terapêutica; Departamento de Pedopsiquiatria do Hospital Dona Estefânia. Colaborou com o Doutor João dos Santos, essencialmente, no tratamento do comportamento de crianças.

A segunda entrevistada é filha de João dos Santos, a qual é licenciada em Ciências da Educação pela Universidade de Lund, na Suécia; e realizou o Curso de Desenvolvimento Curricular em Educação Especial pelo Instituto Politécnico de Educação de Oxford.

A terceira depoente é docente de Psicologia e Filosofia do ensino secundário, foi professora convidada na Universidade do Minho e do curso de Teologia, em Braga; realiza pesquisa sobre a teoria santiana.

O quarto entrevistado é filho do doutor João dos Santos, é formado em Engenharia pela Universidade de Londres e doutor em Engenharia – Universidade Heriot-Watt, em Edimburgo, bem como é consultor premiado em inovação e criação de produtos.

Diante disso, o diálogo com os participantes desta investigação nos apontou algumas indagações, as quais resultaram no desenvolvimento dos seguintes tópicos: o primeiro refere-se às “Narrativas Sociais sobre Saúde Mental na Escola e Pedagogia Terapêutica em João dos Santos”; e o segundo é sobre “Memória, legado e parceria entre um Médico Psicanalista e uma Professora de Arte”.

João dos Santos: o psicanalista na escola

João Augusto dos Santos nasceu a 15 de setembro de 1913, em Lisboa/Portugal. Foi um médico psiquiatra, psicanalista, pedopsiquiatra, educador e um dos mais importantes difusores da Saúde Mental Infantil no século XX, em Portugal. Estiveram sob sua direção as instituições Liga Portuguesa de Deficientes Motores, Associação de Educação pela Arte, Liga Portuguesa de Higiene Mental, Fundação do Centro Hellen Keller, além de outros centros de referência. Seu trabalho divergia das práticas psiquiátricas tidas como tradicionais, pois sua intenção era estabelecer o equilíbrio perdido das crianças e adolescentes.

Ressaltamos que a formação psicanalítica de João dos Santos consolidou-se durante os quatro anos de exílio na França (1946-1950), período no qual Portugal vivia sob a ditadura salazarista.

Em Paris, João dos Santos conviveu com diversas personalidades científicas, ligadas à psicologia, psicanálise e psiquiatria, a exemplo de André Thomas, Georges Heuyer e Julian de Ajuriaguerra. Além disso, teve a oportunidade trabalhar com Henri Wallon no Laboratório de Biopsicologia da Criança.

Ademais, o trabalho e os escritos desse psicanalista, pedopsiquiatra e educador lusitano, também, nos chamou atenção pela parceria com a professora de Arte Cecília Menano, no sentido de que a Pedagogia Terapêutica estaria ligada à Arte, na busca de superar dificuldades de aprendizagem dos educandos, bem como da educação pela arte, como autoconhecimento e interação social.

O Psicanalista em foco toma a infância como ponto de partida e chegada para pensar o homem em sua totalidade, tendo o biológico como base para o afetivo. Nesse sentido, João dos Santos acreditava na educação calcada na afetividade e, sobretudo, no olhar sensível que se deve ter com o sofrimento das pessoas, seja ele de ordem psíquica, física ou moral.

Do mesmo modo, o autor ressalta que o desenvolvimento das crianças só será concretizado se elas não se “fixarem bastante em alguma etapa evolutiva, o que vem depois a constituir lacunas na sua evolução” (SANTOS, 2007-a, p. 48). Trata-se, portanto, de observar o ciclo evolutivo dos sujeitos, desde a tenra idade e, assim, verificar se alguma fase do desenvolvimento foi arrebatada, pois quando isso acontece pode gerar atrasos no desenvolvimento do indivíduo. Principalmente quando o adulto tenta reviver alguma fase que pertence à infância ou adolescência, esses atrasos podem ser tanto de ordem cognitiva como afetiva.

O Pedopsiquiatra em foco deixou às gerações futuras um legado de amor e esperança. Desta maneira, ele solicita “que os homens que guardam da sua infância a experiência inédita, que interiorizam o movimento, o sentir, o amor, que construíram um mundo seu, o abram aos outros, que o abram às crianças” (SANTOS, 1991, p. 317).

Saúde Mental, Arte e Infância: um novo paradigma da educação pós-moderna

A despeito do conceito de pós-modernidade – inerente ao título deste tópico –, Stuart Hall (1992) esclarece que o sujeito pós-moderno não se define por uma única identidade, mas, sim, por diferentes identidades que compõem seu cabedal formativo, ou seja, pensar a educação no século XXI é, sobretudo, entender que a formação dos sujeitos acontece em meio à crise de identidades e à complexidade dos fenômenos sociais, estes próprios da sociedade moderna.

Nesse aspecto, ao estudarmos a obra de João dos Santos, percebemos que, para ele, Educação e Saúde Mental são termos indissociáveis ao desenvolvimento da criança, tanto no âmbito civilizatório como psíquico. Tendo essa análise como ponto de partida, todavia, trazemos para este tópico a reflexão acerca da necessidade que há em incluir a discussão sobre Saúde Mental no repertório das ações educativas ocorrentes na escola.

Diante disso, é urgente o diálogo em torno do respeito à subjetividade da criança, bem como da necessidade de Saúde Mental na escola da sociedade pós-moderna, pois Martinez e González Rey (2017, p. 64) expõem que “a subjetividade se constitui no curso da experiência vivida, só que a própria experiência vivida é uma rede complexa de fatos, nunca um evento isolado”.

Nesse enfoque, o processo de escolarização na atualidade difere do século passado,

essencialmente, por colocar o aluno no centro do processo educativo e, sobretudo, pelo fato de o conhecimento ser mediatizado pelas Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs).

Nessa conjuntura, Rui Canário (2006, p. 16), ao comentar sobre *as mutações da escola*, esclarece que:

A escola que temos hoje não corresponde à mesma instituição que marcou a primeira metade do século XX. Durante esse século fomos conhecendo três escolas. A instituição escolar que sofreu mutações que podemos sintetizar em uma fórmula breve: a escola passou de um contexto de *certezas* para um contexto de *promessas*, inserindo-se, atualmente, em um contexto de *incertezas*. (Grifo do autor)

A partir dos estudos do autor retrocitado e, ao mesmo tempo, fazendo um comparativo entre a escola de hoje e de outrora, compreende-se a necessidade de uma educação escolar para além das *certezas* e *promessas*, bem como uma escola que valorize a subjetividade dos sujeitos, educando-os, também, para as emoções.

Desse modo, na segunda edição da obra intitulada *João dos Santos, Saúde Mental e Educação*, Branco (2010, p. 252) exprime a concepção do Psicanalista sobre o sentido de “Escola para a Saúde Mental”:

João dos Santos privilegia o que chama de <<Escola para a Saúde Mental>>, isto é, Escola para a promoção da integração crítica, criativa e solidária da criança (e do aluno em geral) na sociedade e na cultura. Mas afirma que esta tarefa só será cumprida quando educadores e professores souberem acompanhar o desenvolvimento da criança a partir das suas crises de recuo/avanço, contribuindo para o funcionamento mental normal [...]”.

Constata-se o fato de que a aprendizagem se efetiva quando há harmonia entre o conhecimento e as operações mentais, sendo desde essa tomada de consciência que situamos a afirmação de que educação e saúde mental são indissociáveis. Além disso, ressaltamos, também, o valor que devemos conferir à experiência relacional que cada qual carrega, pois “não basta ir ensinar coisas às escolas, e às pessoas, mas, também, e sobretudo, aprender com elas o que elas sabem da sua experiência relacional”. (SANTOS, 2007-a, p. 19).

No viés dessa discussão, compreende-se a necessidade de preservar a saúde mental no ambiente escolar. Para Branco (2010, p. 298):

Compreende-se, deste modo, a razão de João dos Santos afirmar que <<a saúde escolar é saúde mental>>. Não apenas no plano das aquisições básicas, mas nas que se lhe devem seguir, isto é, no plano do desenvolvimento emocional, físico, psicomotor, afectivo e cognitivo, devendo inspirar-se em princípios, normas e métodos que integrem as acções de Saúde Pública, apoiados em conceitos relativos ao funcionamento mental de aprendizagem e à integração social, de modo particular em relação com a família, a escola e a comunidade [...].

Disso decorre que saúde escolar, associada à Pedagogia Terapêutica, se constitui como porta de entrada para se pensar a Saúde Mental na escola. João dos Santos comenta, ainda, sobre a livre atividade no ambiente escolar como propulsora do equilíbrio psíquico e satisfação afetiva, conforme anotam Berge e Santos (1990, p. 75):

Toda a livre actividade e livre investigação praticadas na escola maternal conduzem a um melhor equilíbrio psíquico e satisfação afectiva. A livre actividade leva a criança a ter menos necessidades afectivas e, quanto mais passiva é a criança, mais necessidade tem de afecto. As crianças na família são submetidas a uma excessiva passividade, sobretudo nos meios urbanos e burgueses e, assim, a escola infantil funcionaria como compensação dessa passividade.

Nesse aspecto, a atividade livre condiciona na criança a migração da ação meramente passiva para a autonomia das ações movidas pelo pensamento, a criatividade e a imaginação.

A expressão livre revela, também, a potência de agir por meio da espontaneidade, porquanto, a criatividade, quando provocada pelos sentidos, se manifesta na intenção de autoafirmação do Eu criador, “Na actividade livre a criança afirma-se a si mesma e realiza a sua unidade interior na acção”. (BERGE; SANTOS, 1990, p. 76).

Defendemos, portanto, o ponto de vista de que o ensino de Arte nas escolas brasileiras tenha caráter de “atividade livre” e não somente disciplina compulsória no currículo. Segundo Barbosa (2015, p. 181), “pela acomodação na dependência, estamos perdendo uma oportunidade de transformar a arte no meio de humanizar a escola e de ajudar a formação de uma identidade cultural”.

Araújo e Holanda (2021) defendem que a Arte é detentora de componentes que conduzem não apenas às sensações e percepções relacionadas às experiências estéticas, como também aos afetos.

Sobre a Infância, Jaeger (2013, p. 1370), na obra *Paideia: a formação do homem grego*, chama atenção para os cuidados que se deve ter para evitar criar na criança o complexo de inferioridade:

O educador deve evitar com o maior cuidado criar na criança o que hoje denominaríamos complexo de inferioridade, resultado a que facilmente conduz uma educação opressiva. O objetivo deve ser educar a criança na alegria, pois é logo desde muito cedo que as bases da harmonia e do pleno equilíbrio do caráter devem ser lançadas na alma do Homem.

A citação em destaque reafirma a teoria de João dos Santos, essencialmente, ao mencionar que a criança deve ser educada na alegria. Além disso, a obra do Psicanalista em destaque tinha como um dos princípios investir na alegria e bem-estar da criança. De certo modo, pensava como os gregos, pois analisava o desenvolvimento psíquico e emocional do homem desde a infância.

Para tanto, o autor da *Paideia* prossegue, instruindo-nos acerca da necessária movimentação da criança:

[...]. Quando mais crescidas, as crianças devem manter-se em movimento constante e de modo nenhum se deve obrigá-las a permanecerem quietas. Isso é contrário à natureza da criança que, a rigor, deveria mover-se ritmicamente dia e noite, como se estivesse num barco. O indicado para sossegar a criança não é o silêncio, mas o canto, pois o movimento exterior liberta-a do medo interior e a sossega (JAEGER, 2013, p. 1369).

Na educação da criança, faz-se necessária a articulação entre o justo meio-termo quietude e sossego, haja vista que, desde os primeiros anos de vida, deve-se aprender a movimentar-se dentro de si e enfrentar os medos. Por outro lado, a educação grega preconizava certa preocupação com ações resultantes das sensações e emoções: “O descontentamento e o mau-humor contribuem para a sensação de medo” (JAEGER, 2013, p. 1369). Contudo, prezar pelo bem-estar da criança e preservação da saúde mental na infância deve ser algo compreendido como princípio básico de

educação e formação humana.

Como resultado destas atividades investigativas, iniciamos nossas análises pelos temas centrais da obra santiana, que são Saúde Mental e Pedagogia Terapêutica, haja vista que o debate em torno da Infância e da Arte relaciona-se, também, com a Saúde Mental e seus fundamentos terapêuticos.

Narrativas Sociais sobre Saúde Mental na Escola e Pedagogia Terapêutica em João dos Santos

O Doutor João dos Santos é lembrado como um profissional humanista, alguém que pensava o ser humano em sua totalidade, sempre levando em conta a defesa da criança ao pleno direito à infância, à vida e à afetividade. Buscou parcerias com diversos profissionais, dentre eles, professores, e seu intuito era tratar os transtornos do comportamento e estados depressivos nos quais algumas crianças se encontravam, em determinados momentos de suas vidas. Por meio do apoio didático e do auxílio da terapêutica, curou muitas crianças e as libertou da angústia.

Ao iniciarmos as entrevistas, indagamos a uma professora lusitana quem foi João dos Santos. Ela prontamente nos respondeu – “*ele foi o meu mestre*”. No que diz respeito ao papel dos professores na promoção da Saúde Mental na escola, ela nos disse que “*isso é um campo muito vasto*”, mas,

[...] das minhas experiências de contato com o Doutor João dos Santos, o que eu penso é que, primeiro, as pessoas têm que estar felizes na escola. É fundamental. A escola tem que dar o bem-estar ao professor para o professor, depois, também dar bem-estar ao aluno [...]. O professor tem que ter amparos de formação junto de outros colegas. Um professor sozinho é um professor desamparado, desamparado por ser ... porque o que que ele faz? Inventar? Pode ser muito bom na relação, mas ele precisa do suporte [...] (ENTREVISTADA 1).

A narrativa ora descrita revela que, por meio do contato com o Doutor João dos Santos e das vivências da entrevistada em foco, evidencia-se a reivindicação e, sobretudo, a necessidade do professor em relação ao amparo e bem-estar no ambiente escolar. Para Santos (2007-b, p. 364), “a Saúde Mental Escolar deve ser essencialmente Saúde Pública e prioritariamente Saúde Mental”. Nesse mesmo raciocínio, outra entrevistada nos diz o que segue:

Os professores não estão a tratar porque não vamos agora transformar as escolas todas em hospitais e todos precisam ser tratados. Não é isso. Mas para as coisas serem bem feitas, para a educação ser bem feita, tem que haver um ambiente propício à expressão, tem que haver um ambiente propício à relação e, portanto, ao desenvolvimento [...]. (ENTREVISTADA 2).

O primeiro depoimento sinaliza a noção de que para haver Saúde Mental na Escola, inicialmente, é preciso que haja um ambiente propício à felicidade. O professor só poderá ofertar bem-estar às crianças se ele estiver amparado pela formação, pela escola e colegas.

No tocante ao segundo depoimento, nos respaldamos em André Berge e Santos (1990, p. 37), ao apontarem que “uma campanha da Saúde Mental na Escola não pode separar-se da luta pela melhoria das condições da Saúde, da Educação em geral e da educação escolar”. Ou seja, a aquisição da Saúde Mental na Escola envolve a melhoria e o bem-estar social, bem como condições de vida e trabalho dos professores.

Ainda sobre a temática Saúde Mental em João dos Santos e seus aspectos inovadores, trazemos as contribuições de uma pesquisadora portuguesa, a qual, embora não tenha convivido com o citado psicanalista, é uma estudiosa e conhecedora do trabalho dele, tendo dedicado décadas de pesquisas sobre a vida e a obra de João dos Santos. A respeito da temática, ela nos relatou:

[...] João dos Santos tem muitos aspectos que são verdadeiramente inovadores. E um deles, o mais importante, é que a pesquisa teórica em João dos Santos só tem interesse na medida que tem imediatamente um efeito prático. Prático em quê? Na Saúde Mental das pessoas, na construção mental equilibrada da criança. Portanto, isso era também uma novidade em Portugal. E continua a ser uma novidade aqui, claro. [...] Simplesmente, todas as inovações que João dos Santos faz são inovações em que vai fazer a articulação absolutamente indissociável entre os conceitos de uma psiquiatria e, neste caso, depois, de uma psiquiatria dinâmica. Isso ele introduz em Portugal a psiquiatria dinâmica, que é a psiquiatria aliada à psicanálise [...] (ENTREVISTADA 3).

Com base nas palavras da participante da pesquisa, evidencia-se que o trabalho teórico de João dos Santos se efetiva pelo seu caráter prático e inovador, pois enquanto uns se detêm apenas a formular questões hipotéticas e respondê-las mediante recursos puramente científicos, teóricos e livrescos, Santos já principiava ações inovadoras no campo da Psiquiatria da época, pois buscava comprovar suas hipóteses por meio não somente de estudo teórico, mas também prático e dinâmico.

Para Merleau-Ponty (2006, p. 03), “tudo aquilo que sei do mundo, mesmo por ciência, eu o sei a partir de uma visão minha ou de uma experiência do mundo sem a qual os símbolos da ciência não poderiam dizer nada”. Nesse sentido, as vivências práticas constituem um tipo de conhecimento determinado pela experimentação de mundo, ou seja, “todo o universo da ciência é construído sobre o mundo vivido”. (MERLEAU-PONTY, 2006, p.03).

Neste âmbito, uma das participantes da pesquisa nos confirma que João dos Santos foi o introdutor da Pedagogia Terapêutica em Portugal; além disso, ele fez com que essa Pedagogia se tornasse uma prática, tanto no âmbito clínico-hospitalar como na contextura escolar, conforme diálogo a seguir:

[...] Quem a teoriza e quem lhe dá um âmbito verdadeiramente operacional, prático, clínico, tanto nas escolas como nos hospitais, é João dos Santos. [...] Portanto, a Pedagogia Terapêutica é João dos Santos que introduz em Portugal. [...] Nós temos que fazer da educação uma terapêutica autêntica. Claro que isto é a construção e a linguagem de um médico, de um psiquiatra, de um psicanalista. [...]. A Pedagogia Terapêutica não é inventada por ele, mas ele vai fazer de uma maneira absolutamente inovadora. E aqui vale dizer, toda educação que não é terapêutica não é educação [...] (ENTREVISTADA 3).

As reflexões advindas das palavras da depoente nos direcionam a uma análise crítica acerca da ausência, nas escolas, de uma pedagogia que também seja terapêutica. Logo, observa-se na sociedade atual a necessidade do diálogo entre Pedagogia e Psicologia, de maneira que esta conversa é fundamental à compreensão da aprendizagem.

Com efeito, “A Pedagogia Terapêutica deve permitir uma constante penetração da pedagogia na psicologia, como disse Maria Montessori. A actuação do psicólogo e do pedagogo deve tender a ser simultânea” (SANTOS, 2007-b, p. 108). Como foi defendido por João dos Santos, deve haver uma relação dialógica entre Pedagogia e Psicologia.

Nos princípios de uma educação terapêutica, a criança desenvolve a autoconfiança, aprende a lidar com os conflitos interiores e se reconhece como parte da escolarização. Para que isso aconteça, todavia, a Pedagogia Terapêutica deve por natureza habitar a formação e a prática pedagógica do professor, sendo, para isto, fundamental o reconhecimento de que a educação, por si, não forma pessoas, porquanto há uma multiplicidade de fatores a serem considerados na

formação humana, dentre os quais afeto, empatia e compromisso ético.

Considera-se que “as técnicas psicopedagógicas e médico-pedagógicas podem ajudar a resolver muitas situações, mas só a educação e os educadores podem prevenir a maior parte dos desvios da evolução infantil”. (SANTOS, 1991, p. 190).

A infância, para João dos Santos, é o princípio de tudo, pois ela nos marca profundamente, desde o berço até a vida adulta. Além disso, ele era adepto da indissociabilidade teoria/prática na produção do conhecimento. Assim, nos explica a entrevistada:

[...] Para João dos Santos, toda a teoria, todo o conhecimento, toda a ciência são produzidos pela mente humana, pelo ser humano e, portanto, tem que haver uma articulação profunda entre a construção da infância. Tudo começa na infância, o berço marca-nos como um destino, a construção da infância e, depois, a partir da infância, é aquilo que a pessoa vai fazer da sua própria vida. E da sua própria vida, vai fazer, vai aprender, vai pensar e depois vai para a prática. Teoria e prática. O que é uma teoria sem nunca estar na prática? (ENTREVISTADA 3).

Partindo desses referenciais acerca da infância, solicitamos a uma das entrevistadas que compartilhasse conosco sua interpretação acerca da célebre frase de João dos Santos: “*O segredo do homem é a própria infância*”:

Eu acho essa frase muito interessante, muito bonita. [...] O que que ele quer dizer com isso? Não há dúvida que a infância fica dentro de nós [...]. Uma pessoa que não guarda a infância dentro de si faz um corte com a infância e, portanto, não se é capaz de compreender os outros, as crianças, os adolescentes. Para se compreender, tem que ter alguma coisa do que ficou ou muito do que ficou das suas próprias experiências passadas, não é? As experiências passadas, quer na infância, quer na adolescência, são muito importantes [...]. A infância não é fácil. É sempre difícil. Com certeza, a infância é sempre difícil, por muito boa que tenha sido. (ENTREVISTADA 2).

Depreende-se facilmente dessa transcrição que a infância não é nada fácil, é sempre difícil, pois embora haja boas lembranças, haverá sempre aquelas que nos fazem evocar a noção de que existir é sempre doloroso. A vida é um caminho que nos leva a nós mesmos. Portanto, “não mudamos de lugar, mudamos de natureza”. (BACHELARD, 2003, p. 210). Saímos da infância, mas ela jamais sairá de nós.

Memória, legado e parceria entre um Médico Psicanalista e uma Professora de Arte

Os motivos pelos quais se deu a parceria entre o médico João dos Santos e a Professora de Arte Cecília Menano despertou-nos a curiosidade desde o início da formulação desta investigação. Por esse motivo, indagamos aos participantes da pesquisa sobre o que motivou João dos Santos a convidar Cecília Menano para colaborar com ações desenvolvidas por ele. Desse modo, a primeira depoente nos fornece algumas explicações e, em seguida, a segunda colaboradora da pesquisa narra suas lembranças da atitude dos dois ao se encontrarem, em especial, do Doutor João dos Santos:

Ele era muito engraçado. Ele contava que, quando se encontraram, apresentaram-os, mas alguém teria dito: “Este médico sabe muito de criança, e que ela disse: “Eu também sei muito de crianças. (ENTREVISTADA 1).

[...] Este encontro deu-se no colégio Claparède, onde eles reconheceram que havia pensamentos, havia saberes, havia experiências que se podiam ligar para enriquecer, tanto a Educação pela Arte quanto a Educação em geral, como a Terapia da Saúde Mental. Portanto foi um encontro que podia não ter dado frutos, mas que deu. [...] (ENTREVISTADA 2).

De acordo com as narrativas ora descritas, esse encontro poderia não ter dado frutos, mas deu, de maneira que, por meio dos escritos e da memória, estamos colhendo esses frutos, e, portanto, lutemos para que as futuras gerações também possam colher os frutos do conhecimento plantados pela Pedagogia Terapêutica e a Educação pela Arte. É, entretanto, mediante a força e a riqueza da memória que nos são reveladas as sutilezas do passado, pois “a memória é o depósito e a máquina dinâmica que irá revelar e reconstruir as ações passadas, engajadas nas nossas experiências atuais”. (JUCÁ, 2003, p. 59).

É possível identificar na fala da primeira entrevistada a noção de que o apreço pela infância era algo comum a João dos Santos e a Cecília Menano. Não é, pois, sem razão que essas semelhanças os aproximaram e os convidaram à ação em prol da criança. Desse modo, Santos (1991, p. 67) entende que “as crianças são-nos simpáticas porque são o alvo das nossas atenções e porque nós pretendemos vir a ser o alvo de atenções delas num diálogo de amor”.

Uma das entrevistadas relatou-nos, ainda, que, quando o Doutor João dos Santos retornou do exílio em França, chegou a Portugal com muitas ideias, e uma delas era a Arte, portanto a aproximação e a parceria com Cecília Menano foram essenciais para que, juntos, pudessem trabalhar a expressão artística na criança:

[...] Veio de França com muitas respostas a questões que ele já se tinha posto, algumas não tinha consciência delas, mas quando encontrou o que encontrou, respondeu a muitas coisas que ele pensava. E chegando a Portugal, claro que estava mais disposto ainda, para problemas que ele já tinha encontrado. E uma das coisas era a Arte, a expressão artística, a expressão artística na criança. A Cecília Menano foi a pioneira da Educação pela Arte em Portugal e, portanto, já trabalhava com a expressão artística [...]. (ENTREVISTADA 2).

Em complemento à transcrição retrocitada, o *Quarto Entrevistado* também nos falou da parceria de João dos Santos com a Cecília Menano: “[...] Trabalhavam juntos. Falavam sobre vários projetos. Tinham ideias coincidentes sobre o papel da Arte na Educação”. Creio, portanto, que esses ideais coincidentes estavam intimamente relacionados à ideia de renovação da Educação, de criar meios pelos quais as crianças pudessem exercer sua criatividade. Nesse sentido, “toda arte se relaciona com a criação” (ARISTÓTELES, 2001, p. 116). Assim, a Arte pressupõe a ideia do novo, do fazer.

Em complemento ao exposto, “a Arte é uma forma de previsão que não se encontra em gráficos e estatísticas, e que insinua possibilidades de relações humanas”. (DEWEY, 2010, p. 585).

As narrativas tecidas por ocasião do encontro entre João dos Santos e Cecília Menano nos fortalecem, no sentido de reconhecer a necessidade de estruturação de um campo de conhecimento fincado em perspectivas interdisciplinares. Para isso, a junção de Arte, Educação e Terapia, bem como Saúde Mental na escola, arraiga os discursos no âmbito do conhecimento interdisciplinar.

Diante disso, o introdutor da interdisciplinaridade no Brasil chama a atenção para a imprescindível necessidade “[...] de uma postura interdisciplinar crítica” (JAPIASSU, 1976, p. 40). Esse autor defende uma visão crítica, transpondo o conhecimento pertencente a cada especialidade.

Considerações Finais

Buscamos compreender a indissociabilidade entre Saúde Mental na Escola e Pedagogia Terapêutica proposta e difundida por João dos Santos – médico psicanalista e pedopsiquiatra de origem portuguesa.

Diante disso, a presente pesquisa evidenciou que a Saúde Mental deve ser discutida também em ambientes tidos como “saudáveis”, ou seja, nas escolas, uma vez que é preciso romper com esse estigma de que o discurso em torno da Saúde Mental deve se limitar aos espaços onde há sofrimento psíquico, onde as pessoas se encontram em estado de adoecimento mental. Santos nos ensina, ainda, que a infância deve ser o *locus* de preservação da Saúde Mental dos adultos de hoje e de amanhã.

Sendo assim, aprendemos com a Pedagogia Terapêutica em João dos Santos que não se pode negar a necessidade da ação multidisciplinar no ambiente escolar, uma vez que não se faz educação sem um ambiente psicologicamente saudável, propício ao desenvolvimento cognitivo e afetivo dos sujeitos.

Na teoria santiana, há clara integração entre Educação e Saúde Mental na Escola, demonstrando, assim, a importância do espólio científico dos estudos desse psiquiatra infantil e, sobretudo, psicanalista para a seara da pesquisa em Educação, essencialmente, no que diz respeito à infância.

Ademais, os caminhos da Pedagogia Terapêutica em João dos Santos nos levam ao entendimento de que a promoção da Saúde Mental na Escola deve incluir, também, a Arte como mediação psicopedagógica. Nesse contexto, o que está por vir é a consciência de que “vamos interessar mais pelo funcionamento afectivo das crianças do que pelo seu funcionamento mecânico” (SANTOS, 1991, p. 314). Em síntese, na Pedagogia Terapêutica em João dos Santos, a Arte exerce o papel de propulsora da Saúde Mental infantil.

Referências

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômacos**. 4. ed. Tradução de Mário da Gama Kury. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

ARAÚJO, Regiane Rodrigues; HOLANDA, Patrícia Helena Carvalho. Narrativas Estético-biográficas sobre Cecília Menano: pioneira na criação das Escolinhas de Arte (Portugal). **Revista COCAR (UEPA)**, Belém, v.15. n.33, p. 1-18, 2021. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/4802>. Acesso em: 02 jan. 2022.

BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARBOSA, Ana Mae. **John Dewey e o ensino de arte no Brasil**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2015.

BERGE, André; SANTOS, João dos. **A Higiene Mental na Escola**. 2. ed. Lisboa: Livros Horizonte, 1990.

BRANCO, Maria Eugénia Carvalho e. **João dos Santos: Saúde Mental e Educação**. Lisboa, Coisas de ler, 2010.

CANÁRIO, Rui. **A escola tem futuro?** Das promessas às incertezas. Porto Alegre: Artmed, 2006.

CRUZ NETO, Otávio. O Trabalho de Campo como descoberta e criação. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza. (org.) et al. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

DEWEY, John. **A arte como experiência**. Tradução de Vera Ribeiro. São Paulo: Editora Martins, 2010.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à Pesquisa Qualitativa**. Tradução de Sandra Netz. 2. ed. Porto Alegre:

Bookman, 2004.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1992.

JAEGER, Werner. **Paideia: a formação do homem grego**. 6. ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2013.

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. **A Oralidade dos Velhos na Polifonia Urbana**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2003.

MERLEAU- PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MITJÁNS MARTINEZ, Albertina; GONZÁLEZ REY, Fernando. **Psicologia, educação e aprendizagem escolar: avançando na contribuição da leitura cultural histórica**. São Paulo, SP: Cortez, 2017.

SANTOS, João dos. **Ensaio sobre Educação – II: O falar das letras**. 2. ed. Lisboa: Livros Horizonte, 1991.

SANTOS, João dos. **A Casa da Praia: o psicanalista na escola**. 4. ed. Lisboa: Livros Horizonte, 2007-a.

SANTOS, João dos. **Ensinaram-me a ler o mundo à minha volta**. Lisboa: Assírio & Alvim, 2007-b.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: História Oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

Recebido em 05 de janeiro de 2022.

Aceito em 22 de junho de 2022.